

8 de março



Dia Internacional de Luta da Mulher

Editorial



A APEOESP apresenta a edição anual do Boletim do Dia Internacional de Luta da Mulher, dedicada exclusivamente às questões de gênero. O objetivo é reafirmar o poder transformador das lutas das mulheres, dos movimentos sociais e de um mundo baseado em igualdade, liberdade e solidariedade.

Em 2014, comemoramos os 30 anos da Campanha Diretas Já e também o 30º aniversário da Central Única dos Trabalhadores de São Paulo. A participação das mulheres foi essencial nos dois movimentos e só foi possível graças aos avanços conquistados na primeira metade do século XX, como o direito ao voto e à participação política.

Esta edição do Boletim coincide também com o lança-

mento de um Relatório da ONU sobre o Trabalho Decente e Igualdade de Gênero na América Latina e no Caribe. O relatório aponta várias possibilidades de contribuição feminina para melhorar a qualidade de vida e enfatiza a importância de as autoridades criarem sistemas de proteção social e empregos decentes para as mulheres.

Enquanto a ONU incentiva os países a investirem em igualdade de gênero, ainda são comuns episódios em que a condição feminina é tratada com preconceito. O machismo e a violência persistem, mas as mulheres estão mais encorajadas a denunciá-los.

A Lei Maria da Penha, a criação de Secretarias, Delegacias e outros espaços dedicados à proteção da mulher aumentaram a visibilidade do problema, tiraram as vítimas do abandono e tornaram mais rigorosas as punições para os agressores.

Como educadoras, defendemos que somente a sensibilidade e a inteligência podem despertar o olhar crítico para identificar preconceitos e exigir respeito às mulheres e também negros, homossexuais e quaisquer outros grupos, cuja condição não seja tratada com naturalidade e empatia.

Esta edição do Boletim aborda estes e outros assuntos, de forma multidisciplinar para que os professores e professoras possam atualizar-se sobre este debate e também levar o assunto para a sala de aula. Despertar a consciência dos estudantes para que não aceitem preconceitos impostos a eles ou aos seus semelhantes é exercer o papel transformador da Educação.

Profª Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Mais mulheres na política

Lugar de mulher é na
Política

As mulheres que atuam na Educação e no movimento sindical estão unidas em defesa do Plebiscito por uma Constituinte Exclusiva e Soberana para 2014. Segundo o movimento cutista,

“isso significa apoiar a construção de uma assembleia de representantes eleitos (as) pelo povo que debatam temas e regras para mudar o atual sistema político”.

A consulta do Plebiscito Popular em

defesa de uma Constituinte Exclusiva e Soberana ocorrerá entre os dias 1º e 7 de setembro. A pergunta feita à população será: “Você é a favor de uma Constituinte exclusiva e soberana sobre o sistema político?”.

Além do debate sobre o sistema político, as manifestações de 08 de março, Dia Internacional de Luta da Mulher, vão reivindicar mais creches para as mães trabalhadoras, investimentos na saúde e ainda denunciar a violência contra a mulher.

Em ano eleitoral, o protagonismo das mulheres também está no foco das discussões. Apesar de ter uma mulher na Presidência da República, o Brasil ainda luta para equiparar direitos e garantir a participação feminina nas mais diversas esferas políticas. O Congresso e outras instâncias do Poder ainda são majoritariamente ocupados por homens brancos.

Atenta a esta e outras questões, a APEOESP convoca toda a categoria para organizar e participar, através das 93 subsedes do Sindicato, de manifestações públicas no Dia da Mulher.








Marcha do Dia da Mulher

IGUALDADE, LIBERDADE E AUTONOMIA

08 de março de 2014

Vão livre do Masp, a partir das 9h00, com passeata.

Veja ainda nesta edição:

-  Pacto contra a violência pág. 2
-  Mulheres que enfrentaram a repressão pág. 3
-  De Eva a Pagu pág. 3
-  Vacina contra o HPV chega ao SUS pág. 4
-  A atuação feminina na História do Brasil pág. 4

Serviço

Contatos com a Secretaria Para Assuntos da Mulher da APEOESP: mulher@apeoesp.org.br e telefone (11) 3350 6117.

O site da APEOESP publica a relação de Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher no Estado de São Paulo por município. Acesse www.apeoesp.org.br



Pacto contra violência sexual é urgente

A mais recente edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública revela que o registro de estupro subiu 19,3% no Brasil em 2012, último ano avaliado no Anuário. Foram 50,6 mil casos, ou seja, seis denúncias a cada hora.

Apesar de alarmantes, os dados ainda podem estar distantes da realidade, já que uma parcela significativa das vítimas desse crime não chega a denunciá-lo, temendo constrangimentos, humilhações e ameaças.

As políticas públicas de incentivo à denúncia cresceram no Brasil, com a aprovação da Lei Maria da Penha. Em 2013, foi sancionada a Lei 12.845, que definiu que todos os hospitais do Sistema Único de Saúde devem “oferecer às vítimas de

violência sexual atendimento emergencial, integral e multidisciplinar, visando o controle e o tratamento dos agravos físicos e psíquicos decorrentes de violência sexual”.

A Lei prevê ainda a indicação de medidas como a contracepção de emergência e a profilaxia de doenças sexualmente transmissíveis, no atendimento emergencial, e o amparo médico e psicológico para o tratamento da vítima.

Agressão à liberdade

Mas, entre os especialistas ouvidos pelo Anuário, como profissionais da Saúde e do Judiciário que lidam com a violência sexual, é unânime a opinião de que o Brasil precisa ainda de um pacto intersetorial de não tolerância à violência sexual, que dê às vítimas todo o acompa-

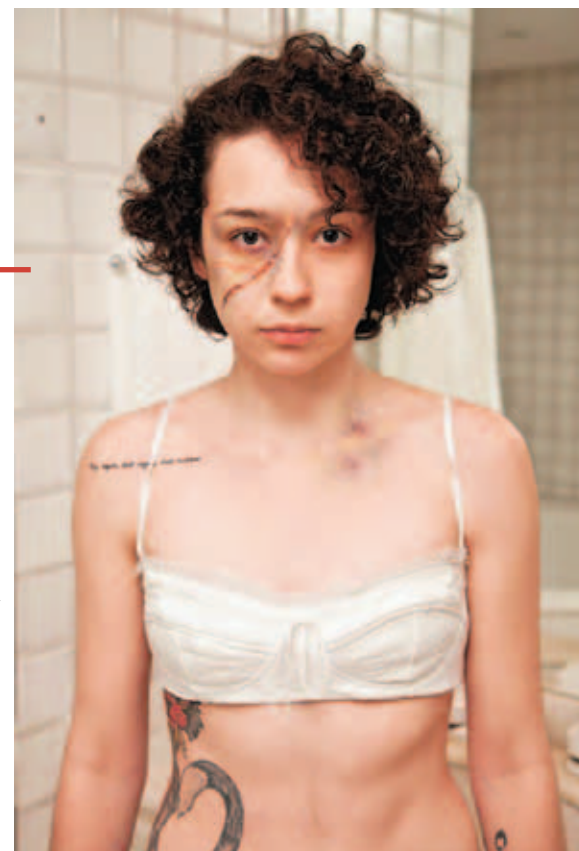
nhamento necessário e garanta que o agressor seja punido e impedido de continuar o ciclo de violência.

O estupro é classificado pela Organização Mundial da Saúde como uma das formas de agressão à liberdade sexual. “Qualquer ato sexual ou tentativa de obter ato sexual, investidas ou comentários sexuais indesejáveis, tráfico ou qualquer outra atitude contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção” é a definição da OMS para violência sexual.

Tipificado no artigo 213 do Código Penal, no capítulo “dos Crimes contra a Liberdade Sexual”, o estupro tem pena que varia de 8 a 30 anos. Em 2003, a Lei nº 10.778 estabeleceu a notificação compulsória dos casos de violência atendidos nos serviços de saúde. A notificação obrigatória foi um passo importante para cobrar investigação e punição dos agressores.

■ As fotos que ilustram esta página são do Projeto Entre Nós, de Valérie Mesquita

“Não contei para ninguém.”



Entre Nós

Focado na violência contra as mulheres, o Projeto “Entre Nós”* vai representar o Brasil nas Bienais de Roma e de Assis, na Itália. Trata-se de um projeto fotográfico independente criado

por Valérie Mesquita, que pesquisou e conversou com mulheres que foram agredidas dentro de suas próprias casas e reproduziu as histórias narradas com atrizes.

“Eu esperei ele mudar. Faz 11 anos que estou esperando”, conta uma das vítimas retratadas no projeto. “Minha mãe me perguntou o que eu fiz pra provocar isso”, diz outra mulher com o rosto marcado por hematomas. “Fiquei sem autoestima, sem amor próprio, vegetei nos meses subsequentes às agressões”, descreve uma entrevistada pela fotógrafa.

Para Valérie Mesquita, a violência doméstica não é suficientemente falada no Brasil. Por isso, o site oferece um espaço para depoimentos. “Cada caso é um caso e é muito difícil dizer ‘tem que contar para alguém, tem que discutir o assunto’, porque às vezes não dá. Mas, se for possível conte, ainda que seja anonimamente”, aconselha a fotógrafa.



“Eu esperei ele mudar. Faz 11 anos que estou esperando.”

Serviço

Conheça e colabore com o Projeto Entre Nós através do site www.projetoentrens.com. Contatos com a fotógrafa Valérie Mesquita: vahmesquita@gmail.com.

Serviço

Confira o Estudo “Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil” no site www.ipea.gov.br

O Disque 180 funciona desde 2006 recebendo denúncias anônimas de violência doméstica. Desde então, foram registrados mais de 4 milhões de denúncias. Caso presencie ou seja vítima de violência, ligue para a Central de Atendimento à Mulher: 180.

Número de homicídios permanece alto

O mais recente levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sobre violência contra a mulher apresenta uma avaliação do impacto da Lei Maria da Penha sobre a taxa desse tipo de crime.

“Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil”, divulgado em setembro de 2013, revela que, no período de 2001 a 2011, ocorreram mais de 50 mil feminicídios no Brasil, o que equivale a aproximadamente 5 mil mortes por ano.

De acordo com o Ipea, grande parte desses óbitos foram decorrentes de violência doméstica e familiar contra a mulher, uma vez que aproximadamente um terço deles tiveram o domicílio como local de ocorrência. A pesquisa aponta que os parceiros íntimos são os principais assassinos de mulheres.

Constatou-se que ainda não houve impacto, ou seja, não houve



“Eu cheguei a ficar em coma.”

redução das taxas anuais de mortalidade com a Lei Maria da Penha, mas o estudo do Ipea defende “a necessidade de reforço às ações previstas na Lei, bem como a adoção de outras medidas voltadas ao enfrentamento à violência contra a mulher, à efetiva proteção das vítimas e à redução das desigualdades de gênero no Brasil”.

Sugestão de aula

Elas enfrentaram a repressão

Os 50 anos do golpe de 1964, que deu início à ditadura militar no Brasil, já são tema de reportagens especiais em sites, jornais e revistas e alvo de manifestações e debates nas universidades. O Boletim do Dia Internacional de Luta da Mulher, editado pela APEOESP, conta a trajetória de duas mulheres que se destacaram na luta contra o golpe. A ativista Clara Charf, de 87 anos, e a estilista Zuzu Angel, assassinada em 1976.

Aos 87 anos, Clara Charf é presidenta da ONG Associação Mulheres pela Paz, e integrante emérita no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, onde contribuiu para programas e campanhas em defesa das brasileiras.

Nordestina, filha de judeus russos,

Clara é um dos símbolos de resistência à ditadura militar no Brasil e viúva de um ícone da luta contra o golpe, o ex-deputado Carlos Marighella, assassinado em 1969.

Depois da morte do marido e com os direitos políticos cassados, a ativista exilou-se durante dez anos em Cuba. Sempre atenta nos movimentos do seu País, Clara envolveu-se na luta pela redemocratização e anistia assim que retornou ao Brasil.

Antes de tudo, ela ainda foi aeromoça, bancária, tradutora e taquígrafa. No início da década de 50, participou da famosa campanha "O petróleo é nosso", que deu origem a Petrobrás. No século XXI, tornou-se uma talentosa e requisitada

De Eva a Pagu

A construção da estética feminina nas composições de Rita Lee é o tema de um mestrado apresentado em 2013 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

José Antônio Barbosa Alves dos Santos analisou músicas compostas pela cantora durante três décadas: entre 1974 e 2004. O resultado da pesquisa está em "As faces de Eva: o universo feminino no léxico de Rita Lee", uma dissertação repleta de referências sobre as diversas esferas do universo feminino.

Desde o início de sua carreira, Rita Lee compôs músicas que retratam mulheres independentes, inteligentes, provocadoras e donas da própria sexualidade. "Sempre observei uma ênfase nas figuras femininas em suas canções, que são muito relevantes na análise do papel da mulher na sociedade contemporânea", analisa o pesquisador.

Na obra de Rita, imagens femininas transgressoras e contestadoras convivem com mulheres apaixonadas e ainda dependentes. "A contribuição de Rita Lee para a ampliação dos direitos das mulheres vai muito além do cenário musical. Os movimentos que levaram as mulheres a conquistarem direitos e ampliarem sua participação

social e política também geraram público para uma produção musical mais crítica, a partir dos anos 70", acredita Barbosa.

Entre as canções analisadas no mestrado estão dois 'hinos' do feminismo: "Cor de Rosa Choque", composta em 1984 com Roberto de Carvalho, e "Pagu", que Rita Lee compôs em 2004 com Zélia Duncan. São dois retratos da mulher brasileira em momentos recentes da História do País.

"Nas duas faces de Eva / A bela e a fera / Um certo sorriso de quem nada quer / Sexo frágil não foge à luta / E nem só de cama vive a mulher", cantou Rita Lee em "Cor de Rosa Choque".

Já "Pagu" desconstrói o estereótipo da mulher brasileira hipersexualizada para enaltecer o poder feminino, em versos como "Nem toda brasileira é bunda / Meu peito não é de silicone / Sou mais macho que muito homem / Sou rainha do meu tanque / Sou Pagu indignada no palanque".

Serviço

A dissertação "A imagem da mulher pela escolha lexical de Rita Lee" é um dos destaques da seção Teses e Dissertações publicada no site da APEOESP.



Sobrevivente de duas ditaduras, Clara é feminista. No destaque, o drama de Zuzu, que terá sua obra revisitada em 2014.

palestrante, que encanta plateias como os mais hábeis contadores de histórias.

Conheça algumas ideias de Clara Charf:

■ Temos que incluir a participação dos homens no enfrentamento à violência doméstica. Pois a única maneira de acabar com a violência é envolver mulheres e homens na questão.

■ Por toda a minha vida, lutei para que as mulheres fossem livres. Que tivessem liberdade para dizer sim ou não. Liberdade para casar ou para ficar solteira. Para ter filhos ou para não tê-los. Liberdade para escolher a profissão que desejassem.

■ A mulher não está solta na história e nem a história existe sem a mulher.

■ Quando a gente fala de paz não é a quietude dos cemitérios. Acreditamos que paz é comida boa, moradia, educação e cultura. Paz como qualidade de vida para todos.

Zuzu

Ela entrou para moda e para a história como Zuzu Angel; na MPB, é Angélica "que só queria embalar seu filho que mora na escuridão do mar", cantada nos versos de Chico Buarque. Mas, em 2014 a estilista mineira Zuleika Angel Jones será lembrada também como a primeira pessoa a lutar publicamente pela busca dos desaparecidos durante a ditadura militar brasileira.

Na década de 70, seu filho, Stuart Angel Jones, era militante de uma organização de esquerda quando foi considerado desaparecido, depois de ser preso e barbaramente torturado nas dependências de um quartel da Aeronáutica no Rio de Janeiro.

Em plena ditadura e na luta para descobrir o que havia acontecido ao filho, Zuzu escreveu a autoridades, jornalistas, foi aos Estados Unidos para denunciar em fóruns internacionais o desaparecimento, vestiu-se de preto e criou uma coleção de roupas carregada de referências aos anos de chumbo e ao seu sofrimento.

A estilista morreu aos 54 anos em um acidente de carro dentro de um túnel, que hoje leva o seu nome, no Rio de Janeiro. Em 1998, a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça considerou que o acidente foi um atentado provocado por agentes do regime militar.

Uma exposição e um desfile vão celebrar a trajetória da estilista e relançar a marca Zuzu Angel, 50 anos após o golpe. O Itaú Cultural vai reunir roupas, croquis e estampas criadas pela estilista e ainda cartas que ela escreveu sobre o desaparecimento do filho.

A exposição, que será inaugurada no dia 1º de abril, celebra o talento de uma criadora revolucionária, que internacionalizou a moda brasileira e ainda inspira jovens estilistas.

Educação em Saúde: HPV



Cartaz da Campanha de Vacinação contra o HPV; no destaque, alteração de pele provocada pelo vírus

O Brasil começa em março a imunizar as pré-adolescentes contra o HPV, o Papiloma Vírus Humano. O pri-

meiro lote de vacinas chega ao Sistema Único de Saúde, com a meta de imunizar 5 milhões de garotas entre 11 e 13 anos.

Segundo especialistas, as vacinas têm eficiência comprovada para quem ainda não foi contaminado, por isso são indicadas para jovens e adolescentes; além disso, a imunização nesta faixa etária garante uma maior produção de anticorpos.

Clínicas particulares já ofereciam as vacinas, mas agora os próprios postos do SUS, escolas públicas e privadas receberão as doses contra o HPV, um vírus sexualmente transmissível, extremamente comum e relacionado ao câncer de colo de útero.

A maioria das mulheres infectadas desenvolve lesões precursoras da doença, como verrugas genitais, que podem ser detectadas através de exames preventivos, como o Papanicolau, e são curáveis, na maioria dos casos.

O câncer de colo de útero tem uma das maiores incidências entre as mulheres brasileiras, perdendo apenas para o câncer de mama.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, 291 milhões de mulheres no mundo são portadoras do HPV. No Brasil, estima-se que 700 mil pessoas sejam infectadas por ano.

Mesmo com a vacinação, o uso de preservativos e a realização de exames ginecológicos preventivos são indispensáveis.

História: um olhar feminino

Jornalista premiada, Ana Arruda Callado conta a história contemporânea do Brasil através de um olhar feminino. Ao longo da carreira, ela biografou mulheres intelectualizadas e politizadas; entre elas, a poeta e ex-deputada Adalgisa Nery, a ex-primeira-dama do País, Darcy Vargas

e a professora e ex-deputada Lygia Maria Lessa Bastos, dona do recorde mundial de mulheres que mais tiveram mandatos parlamentares consecutivos. A Editora Babel lançou esta sua mais recente biografia, "Lygia, a recordista".

Assim como suas biografadas, Ana

Arruda acumula conquistas em sua trajetória. Foi a primeira mulher a chefiar uma redação no Brasil, tornou-se professora de Jornalismo em diversas universidades cariocas, ainda nos anos 70, e atualmente é conselheira da Associação Brasileira de Imprensa.

Viúva do escritor Antônio Callado, a jornalista ganhou do marido um romance dedicado a ela, Reflexos do Baile, um livro sobre os anos de chumbo.

Veja aqui outras dicas educacionais e culturais

Livros

"Homem não chora. Mulher não ri" é o mais novo livro da antropóloga Mirian Goldenberg. Autora de uma série de livros sobre comportamento e feminismo, Mirian reuniu 80 artigos sobre as diferenças e semelhanças entre homens e mulheres e sobre os mitos envolvendo os dois sexos; entre eles o que dá nome ao livro lançado pela Editora Nova Fronteira.



que integra a programação do 1º de Maio de 2014 da CUT-São Paulo.

Criado em homenagem ao ex-presidente da APEOESP, conhecido como professor Carlão, o concurso adota um tema definido pela OIT como "trabalho exercido em condições de liberdade, com remuneração adequada, igualdade e segurança, capaz de garantir uma vida digna aos trabalhadores e trabalhadoras".

Fotógrafos podem inscrever-se até o dia 22 de março no site www.1demaiocutsaopaulo.com.br.

Fotografias

■ O Projeto Diversidade Feminina, de Marion Caruso, reúne fotografias de mulheres com estilos e histórias diferentes dos padrões da mídia. Fotógrafa com formação em Psicologia, Marion focou suas lentes em mulheres que não são modelos profissionais ou atrizes.

Ela define o Projeto como um trabalho de inclusão, que retratou mulheres "loiras, morenas, negras, magrinhas, gordinhas, mais jovens, mais velhas". Veja no site www.marioncaruso.com.br

■ "Trabalho Decente" é o tema do 1º Concurso de Fotografia Prof. Carlos Ramiro,



Quadrinhos

As trabalhadoras podem enviar denúncias de assédio moral e outras práticas abusivas para a Engenheira Eugênia, uma personagem criada pela Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros para denunciar o machismo, a violência e o padrão de beleza imposto pela mídia.

A personagem ilustra quadrinhos mensais com crescente repercussão na Internet. A Federação recebe depoimentos e denúncias e publica com sigilo de identidade. Veja os quadrinhos da Eugênia no site www.fiseng.org.br. Colaborações através do e-mail engenheiraugenia@gmail.com.



Música

2014 é um ano de homenagens a Dorival Caymmi, o compositor baiano que celebrou a cultura praieira e também as mulheres do Brasil. Se estivesse vivo, Caymmi completaria 100 anos no dia 31 de abril. As mulheres que povoam o seu canceiro estão em canções conhecidas em todo



o País, como "Alegre Menina", "Marina", "Oração de Mãe Menininha", "Modinha pra Gabriela" e outras.



Dirigentes responsáveis:

Maria Isabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Francisca Pereira da Rocha Seixas
Vice-presidenta

Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Paulo José das Neves
Secretário de Comunicações Adjunto

Suely Fátima de Oliveira
Secretária para Assuntos da Mulher

Eliana Nunes dos Santos
Secretária para Assuntos da Mulher Adjunta

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Francisca Pereira da Rocha
Roberto Guido

Paulo José das Neves
Fábio Santos de Moraes
Leandro Alves Oliveira
Rita de Cássia Cardoso
Pedro Paulo Vieira de Carvalho
Luiz Gonzaga José
Arivaldo de Camargo
Francisco de Assis Ferreira
Zenaide Honório

Texto e edição:
Ana Maria Lopes - MTb 23.362

Produção:
Secretaria de Comunicações da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares